

## Representações do / no tempo – nótula sobre *passados*

Maria Teresa Brocardo

**Abstract:** Focusing on the representation of language change, I argue that language change is representable only through its interpretation. I briefly describe the diachrony of two Portuguese ‘past’ verbal paradigms – the ‘future in the past’ (conditional) and the ‘past in the past’ (pluperfect) – emphasizing the interpretation of some aspects of their evolutions as the result of ‘competition’, which determines the manifestations of change as persistence vs. obsolescence tendencies.

### **Representação da mudança linguística?**

*It is an obvious truism to say that, given the dynamic nature of language, change is ever present. However, language change as a concept and as a subject of linguistic investigation is often regarded as something separate from the study of language in general.* (Hickey 2001:1)

Uma das noções básicas da linguística histórica é a de correspondência diacrônica, convencionalmente representada como X > Y ou Y < X. Os elementos entre os quais se estabelece a relação representada, aqui as variáveis X e Y, podem corresponder a diferentes tipos de unidades, fonológicas (por exemplo, latim /kl/ (inicial) > português /tʃ/), palavras (latim clamare > português chamar), podendo incluir também significados ou valores (latim clamare “gritar” > português chamar “chamar”). Em estudos no âmbito da gramaticalização, por exemplo, o mesmo tipo de formalização é usado na representação de diferentes clines, por exemplo, cline nominal («relational noun > secondary adposition > primary adposition > agglutinative case affix > fusional case affix» Lehmann 1985: 304), ou cline verbal («lexical verb > auxiliary > affix» Givón 1979: 220), que correspondem a formalizações que envolvem diferentes classes ou categorias, podendo portanto de algum modo implicar um maior grau de abstração, abstração essa que atinge o seu máximo no cline de gramaticalidade

« content item > grammatical word > clitic > inflectional affix » (Hopper & Traugott 2003: 7), ainda redutível a lexical > grammatical. A noção de correspondência diacrônica, representada deste modo, está de tal modo assumida na disciplina, que muitas vezes dispensam os autores, mesmo de textos de caráter introdutório, de a explicitar de forma clara e de chamar a atenção para os pressupostos que a definem. Alguns autores fazem, no entanto, notar, ou pelo menos sugerem, que uma correspondência diacrônica define uma relação que se estabelece no tempo, e a sua formalização representa essa relação, mas não representa a mudança linguística (cf., por exemplo, Joseph & Janda 2003: 13).

Tendo em conta este tipo de observação, como se representa, afinal, a mudança linguística? Poderão sempre, claro, adotar-se diferentes tipos de formalizações metalinguísticas para representar a mudança, mas na verdade o que importa assinalar é que a mudança é representável, e é representada, a partir das diferentes abordagens que interpretam as suas manifestações, atribuindo-lhes diferentes formas, trajetórias, funções ou direções (Lass 1997: 290-304), o que necessariamente leva à formulação de propostas de caráter tendencialmente explicativo.

Partirei neste breve texto da ideia de que antes de mais a mudança é representada a partir das suas manifestações. A inovação, a emergência de novas formas, estruturas ou valores, é quase sempre a faceta

da mudança mais evidente, que se apresenta como mais abertamente exposta à observação, até dos próprios falantes, o que não deixa de ter reflexos no facto de que parece até por vezes ser implicitamente assumida em alguma bibliografia como (quase) sinónimo de mudança. Mas, como é sabido, à linguística histórica compete procurar definir as condições que determinam não apenas a inovação, mas também a manutenção (ou conservação ou persistência), e este aspeto é referido, por exemplo, logo no início do conhecido manual de Bynon (1986: 1): «Historical linguistics seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time».

O contraste entre inovação e conservação (neste último caso com alternativas terminológicas diferenciadas, como antes referido) tem sido frequentemente usado para caracterizar não só unidades linguísticas (genericamente) como também áreas, variedades e até línguas, e esse contraste será ou poderá ser operativo em abordagens diacrónicas, desde que devidamente explicitado e enquadrado num dado estudo ou proposta. Este tipo de contraste, recorrentemente usado em abordagens mais tradicionais, é também considerado crucial em propostas mais recentes. Assim, por exemplo, Maiden et al. (2011) constroem a sua história das línguas românicas com base justamente na oposição entre inovação e persistência. O conceito de persistência assume, no entanto, um valor particular em estudos de gramaticalização. Sendo definida como um dos fatores típicos da gramaticalização (Hopper & Traugott 2003: 2-3), no âmbito destes estudos persistência não é simplesmente equiparável aos conceitos mais gerais de conservação ou manutenção, mas é antes definida a partir de um princípio (princípio de persistência) que define uma generalização sobre a persistência de propriedades inerentes ao valor (+) lexical original de uma forma (ou cons-

trução) que sofreu um processo de gramaticalização. Com base neste princípio, é observado que num funcionamento (+) gramatical, a forma / construção manifestará ainda restrições, condicionamentos ou, de um modo geral, características específicas decorrentes das propriedades inerentes à sua origem lexical. Trata-se, portanto, de uma generalização sobre a relação diacrónica entre a fonte (source) do processo e o seu alvo (target), que permitirá explicar contrastes sincronicamente observáveis no funcionamento de formas / construções gramaticalizadas (alvos) a partir de diferentes fontes, como, por exemplo, formas / construções de futuro, derivadas de construções com verbos de volição ou de deslocação ou perífrases de progressivo construídas com verbos de deslocação orientada / não orientada (ir vs. andar, por exemplo, cf. Squartini 1998: 255, segs.; Brocardo & Correia 2012).

Além da inovação e da conservação ou persistência, a mudança linguística manifesta-se também como obsolescência, isto é, perda de uma dada forma, construção ou paradigma. Opondo-se a um princípio muito geral de persistência, que generaliza sobre uma tendência aparente para a manutenção de diferentes tipos de unidades linguísticas ou dos seus valores, ainda que em usos / contextos limitados ou mesmo marginais, a obsolescência é efetivamente muitas vezes manifesta também apenas como uma tendência e não como perda ou desaparecimento absolutos. A nótula que se segue incidirá justamente em paradigmas que vieram a sofrer obsolescência, em diferentes aspetos e graus, na diacronia do português.

**Nótula sobre ‘passados’ – futuro e passado do passado (ou condicional e pretérito mais-que-perfeito)**

*As long as I can remember I’ve been besotted with the past.* (Lass 1997: xiii)

Numa visão diacrónica geral em que se perspetiva e generaliza sobre a continuidade dos paradigmas verbais latinos nas línguas românicas, o futuro do passado ou condicional (doravante COND) é usualmente referido como uma inovação (cf., por exemplo Alkire & Rosen 2010: 168). Por contraste, o pretérito mais-que-perfeito simples (doravante MPS) é muitas vezes referido como um traço particularmente conservador das áreas linguísticas em que teve continuidade (cf., por exemplo, Posner 1996: 327).

Quer o COND quer o MPS marcam, à partida, tempo, com um valor de, respetivamente, posterioridade e anterioridade em relação a um tempo de referência passado. Mas ambos aparecem também associados à marcação de modalidade em fases antigas do português, o que pode ser observado em exemplos como os seguintes (por ordem cronológica dos testemunhos):

1. ou ñ aduxerõ cartas ou prouas que **poderiã** aduzer. (*Flores de Dereyto*, fin. séc. XIII?)

2. pos a Santa Igreja tâbê aos prelados como aos outros clérigos que por atreujmêto despreçassem a sentença do entre dito ou da sospessam do offizio e disser as oras cõselheyramête como ante, que he jrrigular porê, que quer tâto dizer como clérigo que he fora de dereyta regla que **deuera** a teer (*Primeyra Partida* de Afonso X. Séc. XIV)

3. Por que se ficassem fora do oratorio. seria pella ventura algũu tal que se **lançaria** a dormir. ou certamente. se **asseêtaria** fora da igreja occioso. ou **britaria** o senço e **entêderia** en fabulas e palavras dannosas e sem proveyto. (*Regra de São Bento*, Alc231 1414-1427)

4. Se entam **fyzera** fym todo meu mal & meu bem nam me **fezera** almeirim lembrança nunca de quem me fez esquecer de mym (G. Resende. *Cancioneiro Geral*. 1516)

5. mas agora que me vós dizeis que o he e me falais por elle, sam contente de lhe dar a licença, e assi o **fezera** da primeira se me vós nisso **faláreis** (G. Resende. *Vida e feitos d’el-rey Dom João Segundo*. 1533)

A leitura modal das ocorrências de formas de ambos os paradigmas é desencadeada em construções condicionais (explícitas, implícitas, de diferentes formatos sintáticos), em contextos negativos e com verbos inerentemente modais, podendo estes fatores cocorrer para a construção da referida interpretação. Configura-se assim uma relação entre os dois paradigmas, que, embora com distintos condicionamentos nalguns casos (cf., uma descrição mais detalhada destes aspetos em Brocardo 2016), é caracterizável como uma *competição* para a expressão dos mesmos valores ou de valores próximos. O MPS viria em português a perder geralmente a possibilidade de marcar valores modais. ‘Perde’, portanto, a competição, persistindo com esse tipo de funcionamento apenas marginalmente, por exemplo em expressões fixas. Teríamos portanto aqui a assinalar uma *obsolescência de significado*, neste caso de um dos valores possíveis associados às formas deste paradigma, de que necessariamente terá decorrido um decréscimo na sua frequência de uso. Na verdade, embora não tenha dados quantitativos que sustentem esta observação, a análise dos textos parece sugerir que mesmo em fases passadas era já o COND o paradigma mais produtivo para exprimir modalidade<sup>1</sup>. Mas além da perda de um dos valores

<sup>1</sup> Acrescente-se que na diacronia do português, o MPS modal ‘perde’, não apenas para o COND (simples e composto), mas também para o imperfeito do conjuntivo, dependendo do contexto sintático-semântico, aspeto que aqui não exploro.

possíveis do MPS, que aqui referi como *obsolescência de significado*, o MPS temporal tenderá também a ‘perder espaço’ em termos de frequência de uso em favor da forma composta. Embora não se possa aqui falar de obsolescência da forma, visto que o paradigma persiste, a obsolescência verifica-se de facto na terceira pessoa do plural, sendo, na prática, o MPS um paradigma defetivo (cf. a argumentação relativamente a este aspeto em Brocardo 2012: 42).

Mas voltando ao COND, note-se que também este ‘perde espaço’, dado que o imperfeito do indicativo ocorre com grande frequência em contextos que antes lhe estavam reservados, e isto parece ser uma tendência consideravelmente precoce na história da língua. Embora, mais uma vez, não disponha para sustentar esta observação de dados quantitativos, nem mesmo de dados mais gerais sobre uma cronologia, assinalo já possíveis exemplos deste tipo de usos do imperfeito em textos de finais do séc. XV (Brocardo 2016: 46, n.9).

Em qualquer caso, o que aqui pretendo notar é apenas que mesmo uma mera descrição da mudança linguística não pode nunca centrar-se numa dada unidade (forma, construção, paradigma...) sem considerar outra ou outras que com ela *competem* numa dada sincronia. E isto apesar das limitações impostas ao conhecimento dos dados relativos a épocas do passado linguístico, e também, muitas vezes, das dificuldades da sua interpretação.

### **Em jeito de conclusão**

Procurando recentrar o tema proposto – representação – concluo defendendo que a representação da mudança linguística só se constrói a partir da(s) sua(s) interpretação(ões). Naturalmente que o percurso do estudo ditará uma gradação nessa interpretação, que não pode limitar-se ao mero estabelecimento de correspondências diacrónicas, que, como defendi, não são

representações da mudança mas de relações diacrónicas entre diferentes tipos de unidades. Se uma primeira aproximação será a de simplesmente constatar a ocorrência de mudança (como inextricavelmente associada à própria natureza da linguagem e portanto indissociável do seu estudo em geral, cf. Hickey *ibid.*), é já num crescendo de interpretação que definimos as suas manifestações como inovação ou obsolescência, por exemplo. Mas naturalmente que os objetivos dos estudos diacrónicos, como de outro tipo de abordagens, ambicionarão a construção de interpretações com maior valor explicativo, incluindo a identificação de fatores condicionantes, processos e mecanismos. A formulação de hipóteses explicativas, de diferentes tipos de generalizações, como, de entre as que referi, um princípio de persistência, mas também, por exemplo, de direcionalidade (ou a sua refutação, claro) naturalmente corresponde, na gradação acima referida, a um grau máximo de interpretação da mudança, ou da sua *representação*.

### **Referências**

- Alkire, T. & C. Rosen (2010) *Romance Languages. A Historical Introduction*. Cambridge: CUP
- Brocardo, M. T. (2012) O ‘passado do passado’ - alguns dados para a história do pretérito mais-que-perfeito em português. *VERBA HISPANICA* 20, pp. 33-48
- Brocardo, M. T. (2016) O futuro do passado /condicional – elementos para um estudo diacrónico. In A. L. Barros & M. T. Brocardo (orgs.) *Estudos sobre o verbo em português: valores, marcas e construções*. João Pessoa: Ideia, pp. 27-49
- Brocardo, M. T. & C. N. Correia (2012) Ir + gerúndio em português – aspetos sincrónicos e diacrónicos. In A. Costa et al. (eds.) *Textos Seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 121-135
- Bynon, T. (1986) *Historical Linguistics*. Cambridge: CUP

Gívon, T. (1979) *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press

Heine, B. (2003) Grammaticalization. In Brian D. Joseph & R. D. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell, pp. 575-601

Hickey, R. (2001) Language change. In J. Verschueren et al. (eds.) *Handbook of pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins (2001 installment)

Hopper, P. J. & E. C. Traugott (2003) *Grammaticalization*. Cambridge: CUP

Joseph, B. D. & R. D. Janda (eds.) (2003) *The Handbook of Historical Linguistics*. Cambridge USA / Oxford UK: Blackwell

Lass, R. (1997) *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: CUP

Lehmann, C. (1985) Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e Stile* 20(3), pp. 303–318

Maiden, M., J.C. Smith & A. Ledgeway (eds.) (2011) *The Cambridge History of the Romance Languages*. Vol. I Structures. Cambridge: CUP

Posner, R. (1996) *The Romance Languages*. Cambridge: CUP

Squartini, M. (1998) *Verbal Periphrases in Romance. Aspect, Actionality and Grammaticalization*. Berlin / NY: Mouton de Gruyter